

Crónica de onomástica paleo-hispânica (30)

*DGPC

O autor escreve
segundo o Acordo
Ortográfico de 1945

António Marques de Faria*

afaria@dgpc.pt

Resumo Continuamos a examinar, numa perspectiva crítica, alguns nomes próprios paleo-hispânicos, quase todos conhecidos de há muito, mas que têm sido objecto de novas abordagens, mais ou menos aprofundadas, nos últimos anos.

Corrigimos igualmente determinadas interpretações que defendemos em trabalhos anteriores.

Abstract We continue to examine, from a critical perspective, some Paleo-Hispanic proper names, almost all known for a long time, but which have been the subject of new approaches, more or less in-depth, in recent years.

We also corrected certain interpretations that we presented in previous works.

ACIRTILLA. Placa de calcário. Sagunto (Valência). Beltrán, 1980, p. 169, n.º 194.

É esta, e não AGIRTILLA (Moncunill, 2018, p. 352; 2019, p. 151), a lição mais plausível, nada havendo na mesma que leve a contestar a conformidade de *acir* com outros testemunhos onomásticos ibéricos (Faria, 2000a, p. 125; 2018 [2019], p. 75; *contra*, Moncunill, 2018, p. 352).

Se praticamente tudo já foi dito acerca de *acir*, a interpretação conferida ao que resta do NP em questão deixa, a nosso ver, algo a desejar.

Silgo (1988, p. 758), seguido por Quintanilla (1998, p. 97) (que não o cita), interpreta *-tilla* como um sufixo diminutivo latino, um parecer que Simón (2020, p. 102) não questiona. Ora, tanto quanto sabemos, tal sufixo não se documenta em latim.

Mais facilmente nos inclinaremos para ver em *tilla* a latinização de um segundo membro de um NP ibérico: *tilar* (Faria, 2010 [2011], p. 95; 2014, p. 173); *tileis* (Faria, 2000a, p. 140) ou **t(i)·ildir* (Faria, 1997, p. 107; 2000b, p. 62; 2007a, pp. 172–173).

aidutigef. Placa de chumbo. Ampúrias (La Escala, Gerona). Sanmartí, 1988, p. 103.

Tal como Moncunill & Velaza (*MLH V 2*, p. 84), tão-pouco Ferrer (2020a, p. 25) possui qualquer legitimidade moral para reivindicar a autoria da identificação do NP ibérico **aidutigef**, segmentável em **aidu·tigef** (Faria, 1990–1991, p. 82; 1994a, p. 68; 2001a, p. 96; 2004a, p. 175; 2004b, pp. 276, 277; 2015, p. 125).

ARRANES. Tábua de bronze. Roma. *CIL I² 709*. Há que segmentar este NP em **aran·(n)es* (Faria, 1994a, p. 69; 1995a, p. 80; 1998a, p. 268; 2004b, p. 295) ou **aran·es* (Faria, 1998a, p. 268; 2002a, p. 237; 2004b, p. 295), sendo esta última segmentação de algum modo tributária da que já aventava Schuchardt (1909, p. 243): *Arran·es*.

Parece-nos de muito mau gosto que Simón (2020, p. 109), além de manifestar outras insuficiências, tente, através de uma citação intempestiva, reconhecer algum mérito a Rodríguez na análise do presente NP, quando, ainda em 2003, este autor postulava uma segmentação do mesmo em **ar(?)·NES* (Rodríguez, 2002 [2003], pp. 255, 266).

bandu(i?). Estela de arenito. *Baetulo* (Badalona, Barcelona). Comas, Padrós & Velaza, 2001 [2002], pp. 297–298.

Talvez por falta de espaço, Vidal (2019, p. 104, n. 60) não conseguiu elucidar os seus leitores de que muito do que ele escreveu sobre a análise do NP em apreço já constava de numerosos trabalhos nossos (Faria, 1990–1991, pp. 77, 79; 1991a, p. 190; 1992, p. 195; 1994a, pp. 66, 70; 1995b, p. 326; 1997, pp. 107, 108; 2004b, pp. 278–279; 2008a [2009a], p. 148; 2011 [2012], pp. 153, 171; 2015, p. 128).

BETATVN. Cipo de calcário. Arredores de Fuerte del Rey (Jaén). Corzo & *alii*, 2007 [2008], *passim*.

Muito embora não seja a nossa análise favorita, a verdade é que nos cabe a prioridade na segmentação do presente ND em **bete·atun* (Faria, 2008b [2009b], p. 67). Tal facto foi deliberadamente ocultado por Ferrer, nos últimos anos, em cinco ocasiões distintas (Ferrer, 2018, p. 112; 2019, p. 44; Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 182; Ferrer & Sinner, 2019, p. 155; Ferrer, Olesti & Velaza, 2020, p. 36).

BETEPE[-]. Inscrição rupestre. Osséja (Prades, Les Pyrénées catalanes, Pyrénées Orientales). Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 182; Ferrer, Olesti & Velaza, 2020, p. 36.

Ao invés do que sucedia com a equívoca foto exibida na *editio princeps* (Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 177, fig. 5), a que foi incluída no mais recente trabalho acerca da inscrição em apreço (Ferrer, Olesti & Velaza, 2020, p. 36, fig. 6), pelo pormenor que apresenta, deixa bem patente a fidedignidade da transcrição BETEPE[-], correspondente ao patronímico que foi erradamente lido por nós como BETER (Faria, 2019, p. 57).

Além da necessária rectificação, cremos que é oportuno complementar a escassa informação fornecida tanto pelos *editores principes* como por Simón (2020, pp. 120–121, n.º 44) relativamente às várias hipóteses de identificação do formante final de BETEPE[-]. Nesta conformidade, o referido segmento deverá corresponder a *bei* (Faria, 1992–1993, p. 277; 1995b, pp. 326–327; 2000a, p. 127; 2010 [2011], pp. 91–92; 2015, pp. 125–126; 2019, p. 67), a *bel* (Faria, 2002b, p. 125; 2003a, p. 216; 2004b, p. 310; 2008b [2009b], p. 64), a *ber* (Faria, 1994a, pp. 67, 69; 2002b, p. 125; 2003b,

p. 318; 2006, p. 122; 2007b, p. 211) ou a *beś* (Faria, 1995b, p. 328; 2000a, p. 126; 2003b, p. 316; 2010 [2011], p. 101).

PeTuCine. Los Villares (Caudete de las Fuentes, Valência). *MLH* II 2 F.17.2.

Se, no último volume desta mesma revista, aventávamos a hipótese de **bedule** (B.1.33) configurar a adaptação morfológica ao ibero de um NP céltico, especificamente **Medullus* (Faria, 2020a, p. 56), vimos agora defender a possibilidade de o presente NP corresponder ao céltico **Medugenos* (Delamarre, 2007, pp. 222, 226). Note-se que o radical céltico **genos* apresenta **ginos* como variante (Delamarre, 2007, p. 222), nomeadamente em *Meducino* (dat.) (Delamarre, 2007, p. 131). Importa, porém, assinalar como óbice ao acolhimento desta nossa proposta o facto de existirem em ibero vários testemunhos onomásticos do segmento **Cine** (Faria, 1993, p. 157), primando pela total ausência os exemplos de ***Cene**.

BE|SVNIS (*uel* BE|SVNIS) (gen.). Estela de arenito vermelho. Alcaraz (Albacete). Abascal, 2013, pp. 18–19.

À primeira vista, estaremos perante um NP ibérico (latinizado), **Beisun*, a segmentar em *beis·un*. O elemento onomástico *beis* parece ocorrer em posição inicial no ND BEISIRISSE (dat.) (Gorrochategui, 1984, p. 315, n.º 473), podendo figurar como segundo membro de composto nos NNP **soñibeis** (F.21.1) e ADIMEIS (CIL I² 709) (Faria, 2007a, p. 162). *-un*, por sua vez, estaria unicamente atestado em **tasberiu** (C.2.3; Ferrer, 2005 [2006], p. 966, n. 46) (Faria, 2007b, p. 211: **tas·ber·iu**). Considerando, no entanto, que um dos dois indivíduos memorados na estela, filho do suposto **Beisun*, dá pelo nome de NIGRINVS, preferimos seguir a lição alternativa que Abascal (2013, p. 19) fornece para o mencionado NP ibérico: BELSVNIS (gen.). Em conformidade com esta perspectiva, NIGRINVS não seria mais do que a tradução latina do NP *Belsu* / *Belśu* (Untermann, 1996, p. 131) < **bel·(s)u* / **bels·(s)u* / **bel·śu* / **bel(s)·śu*, que se documenta no basco medieval como *Belso* / *Belcho* (Salaberri, 2008, pp. 187–188). A probabilidade de NIGRINVS constituir um NP traduzido do ibero sai fortalecida com a invocação de mais dois *Nigrini* filhos de indivíduos cujos

cognomina são reportáveis àquele idioma: **Agirśar* (EDCS-06900067) (Rubio, 1997, pp. 60–61; Faria, 1997, p. 111; Martínez Sáenz de Jubera & González Perujo, 1998, p. 492) e ESCERIOR (EDCS-09100319). Tal não significa, é claro, que todos os *Nigrini* hispânicos constituam nomes de tradução ou que os eventualmente integráveis nesta categoria, sobretudo os idiônimos documentados no Noroeste e Oeste da Península Ibérica (Albertos, 1985–1986 [1987], p. 177), configurem latinizações a partir do ibero. De qualquer modo, não será possível dirimir definitivamente a questão da leitura do NP em causa — BE|SVNIS ou BELSVNIS — enquanto a lápide que o testemunha, somente conhecida por desenho, continuar desaparecida (Abascal, 2013, p. 18).

Decidimos recuperar neste momento a nossa argumentação tendente a sustentar a lição BELSVNIS (Faria, 2014, pp. 169–170) — lição esta já admitida por Abascal (2013, p. 18) em alternativa a BE|SVNIS somente com base na compreensível confusão entre ambas as letras (<I> e <L>) —, uma vez que a mesma foi completamente ignorada por Simón (2020, p. 116).

Em contrapartida, Moncunill (2019, p. 149; 2020, p. 173, n. 3), denotando alguma imprudência, não manifesta quaisquer dúvidas acerca do acerto da lição BELSVNIS.

BELCILE[...]. Mosaico de *opus Signinum*. *Segobriga* (Cerro de Cabeza del Griego, Saelices, Cuenca). Fita, 1892, pp. 250–251.

Não obstante os prováveis paralelos que providenciámos tanto para *bel* (quinze presumíveis *comparanda*) como para *celes* (dois presumíveis *comparanda*), os segmentos de que se compõe o presente patronímico ibérico (Faria, 2008b [2009b], p. 64), Simón (2020, p. 166) não hesitou em sentenciar peremptoriamente que “ninguno de los dos formantes está documentado con seguridad”. Em nosso entender, não é com posições dogmáticas deste jaez que será possível progredir no estudo da antroponímia ibérica.

B<E>LSAILACOS. Mosaico. *Ilici* (La Alcudia de Elche, Alicante). *MLH* III 2 G.12.4; Simón, 2019, p. 136.

Ponderada toda a argumentação invocada por Simón (2019, pp. 131–137), não podemos

deixar de secundar este investigador na leitura $\beta\langle E\rangle$ LSAILACOS, em prejuízo da que vínhamos propugnando há vários anos (Faria, 2007a, p. 175; 2008b [2009b], p. 70; 2018, p. 121): \mathcal{Q} LSAILACOS (e não \mathcal{Q} SAILACOS: Simón, 2019, p. 131, n. 20).

Em razão desta nova perspectiva, o NP trimembre em apreço passa a admitir as seguintes segmentações $*b\langle e\rangle$ ls·sail·acos / $*b\langle e\rangle$ ls·sail·acos / $*b\langle e\rangle$ ls·sair·acos / $*b\langle e\rangle$ ls·sair·acos.

Há alguns anos tivemos a oportunidade de compilar mais de seis dezenas de NNP ibéricos triembres (Faria, 2016 [2017], pp. 113–117). Não obstante, numa postura que alia a arrogância à leviandade (nenhum argumento é invocado), Sabaté (2020, pp. 496, 499) opina que a existência de NNP ibéricos compostos por mais de dois elementos não passa de uma miragem. Decorre destas nossas propostas que a repetição do segmento *bels* noutra NP constante da presente inscrição — [B]ELSDIN (*MLH* III 2, p. 614) ou [B]ELSDINICOR (Faria, 1995a, p. 80; 1997, p. 106; 2000a, p. 122; 2003a, p. 215; 2004b, p. 296) —, indiciadora de uma relação de parentesco entre os detentores de ambos — ainda que não necessariamente uma relação de paternidade-filiação (*contra*, Simón, 2019, pp. 138–139), torna bastante improvável (mas não impossível) a individualização de *bel* em $\beta\langle E\rangle$ LSAILACOS; a não ser, é claro, que [B]ELSDINI conforme a lição adequada, circunstância que permitiria interpretar este nome próprio como um ND em dativo (Simón, 2019, p. 141).

Tal como já tinham visto Siles (1978, p. 336) e Corell (1998, p. 79), a sequência final deste NP, ACOS, deve reproduzir o NP simples imediatamente anterior, a exemplo do que sucede com *baicaf* *šocinbaicaf* (C.21.2), *BELES VMARBELES* *F(i)lius* (TSall) e *bofs-te abargebofs-te* (C.2.3) (Faria, 2013, pp. 190–191). Em conformidade com esta exegese, a segunda lateral de $\beta\langle E\rangle$ LSAILACOS deve pertencer ao componente intermédio *sail* / *šail* (Faria, 2007a, p. 175; 2008b [2009b], p. 70), ou, no caso de ter ocorrido uma assimilação entre consoantes líquidas — /l/-/r/ > /l/-/l/ —, a *sair* / *šair* (Siles, 1978, p. 335).

BODONILVR. Friso de calcário com epitáfio e relevos. *Vrgauo* (Arjonilla, Jaén). *CILA* 6, 467; *CIL* II²/7, 91.

Só um sentido de humor deveras retorcido

poderá justificar que Simón (2020, p. 40) tente atribuir a Rodríguez (2014, p. 146) a autoria da identificação de *bodon* com o elemento antroponímico *bodo*, que figura em posição inicial nos NNP **PoToTiCi** (F.9.5) e **PoToTaś** (F.9.5, .6, .7). Simón está plenamente ciente de que cabe ao autor destas linhas a prioridade na individualização de *bodon* nos NNP em análise (Faria, 1994b, p. 50, n.º 270; 1995a, p. 81; 2000b, p. 64; 2002a, p. 234; 2004b, p. 281; 2011 [2012], p. 168).

CaPuTu. Placa de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Saragoça). Untermann, 1996, p. 138.

Quando Untermann (1996, p. 138), secundado por Wodtko (*MLH* V 1, p. 146), afirmava que “no hay nada cotejable” com **CaPuTu**, estava a esquecer-se de um paralelo que dificilmente poderia apresentar maiores afinidades com o NP em causa. Trata-se de CABVTONIS (gen.) (Delamarre, 2007, p. 51), que não é mais do que um segundo testemunho (conquanto latinizado) do mesmo NP.

A identificação de **Caputu* como NP celta é da nossa responsabilidade (Faria, 2011 [2012], p. 160; 2018 [2019], p. 80), um facto que Prósper (2017, pp. 213, 214) se esqueceu de mencionar.

GAISCO. Inscrição rupestre. Osséja (Prades, Les Pyrénées catalanes, Pyrénées Orientales). Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 180.

Se a aproximação de *gais* ao segmento final de **PilosPalCarCais** (E.1.372) se afigura de grande pertinência (Michelena, 1958, p. 43 e n. 23; Orduña, 2005, p. 337; Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 180), não podem restar quaisquer dúvidas de que o paralelo perfeito para **GAISCO** reside obviamente em *Gaizco*, NP cuja primeira atestação, na circunstância como sobrenome, através da forma *Gaizcho*, figura em documento datado de 1068, pertencente ao *Becerro Antiguo* de Leire (Luchaire, 1881, p. 165; Michelena, 1997⁵, p. 91; 1987 [1969], p. 132; Cierbide, 1996, p. 125; Orpustan, 1999, p. 319). É completamente incompreensível que a identificação entre ambos os NNP, aqui posta em evidência, não tenha merecido uma só linha por parte de Simón (2020, p. 131), uma omissão em que não incorreram Ferrer, Olesti & Velaza (2020, p. 34).

Este testemunho vem juntar-se a muitos outros

que, no mínimo, certificam a pertença do paleobasco/aquitano e do ibero a um mesmo *Sprachbund*, sendo certo que o exemplo em análise é anterior em mais de um milénio às primeiras atestações na documentação basca. Aliás, indo um pouco mais longe, na linha de outras observações nossas (e.g. Faria, 2001a, pp. 98, 99, 102; 2002a, p. 236; 2005a, pp. 274, 283; 2007a, pp. 162, 165, 172, 178; 2007b, pp. 211, 225–226; 2008b [2009b], pp. 66, 67, 68, 71, 75; 2016, pp. 157, 158, 164, 165, 166; 2017, p. 91), atrevemo-nos a afirmar que o presente NP resulta de um adjetivo (entretanto tornado alcunha/cognome) integralmente ibérico — *gais* + suf. diminutivo *-co* — que apresenta a mesma etimologia e, com toda a probabilidade, o mesmo significado do homólogo/cognado pertencente ao léxico paleobasco/aquitano, até hoje por documentar. Michelena (1987 [1969], p. 132, n. 39) confere ao basco medieval *Gaizco* o consensual significado de ‘mau’, se bem que Cierbide (2017, p. 13) traduza o mesmo apodo (*Gayzco*) como “enfermizo”.

Afiguram-se, deste modo, bastante remotas as probabilidades de estarmos perante um NP paleobasco/aquitano em território ibérico, sendo, em contrapartida, mais verosímil — a cronologia da documentação assim o sugere — um influxo da antroponímia ibérica na que é utilizada em território (paleo)basco.

Michelena (1997⁵, p. 91; 1977², p. 259; 1987 [1969], p. 132, n. 39) encarava *Gaizto* como variante de *Gaizco* (e não o contrário: Faria, 2019, p. 59), por dissimilação consonântica. Em contraste com esta perspectiva, Cierbide (1996, p. 125) chegou a filiar *Gaizco* no adjetivo *gaizto*, uma posição que veio a alterar anos depois (Cierbide, 2005, p. 24).

De qualquer modo, à luz dos dados hoje conhecidos, continuamos a crer que não é possível definir uma diacronia na criação dos sufixos *-co* e *-to* em paleobasco/aquitano e em ibero (Faria, 2019, p. 59), tema este que já havia merecido a atenção de Orpustan (2008, pp. 495–496), no que toca especificamente ao basco medieval.

É preocupante constatar que Gorrochategui (2020a, p. 744) considera que as semelhanças entre este *GAISCO* e os *Gaizc(h)*o que se atestam na Idade Média em áreas bascófonas não passam de mera coincidência formal, devendo o primeiro ser inserido num grupo de NNP que

podem “externamente apresentar algunos rasgos parecidos a los señalados para la onomástica aquitana”.

Gorrochategui exhibe aqui um cepticismo levado ao extremo, uma postura que, aliás, está longe de ser inédita neste autor. Assim, por exemplo, não obstante LAVRCO (Gorrochategui, 1984, p. 230, n.º 238) e *laurco* (*MLH V 2*, p. 353) remeterem naturalmente para um mesmo NP, decerto dotado de um só significado em ibero e paleobasco/aquitano (Faria, 2000a, p. 136; 2002b, p. 133), Gorrochategui (2018, pp. 78, 99, 134) insiste em afixar que a ocorrência de *laur* em ambos os repertórios antroponímicos é tão-somente fruto do acaso.

A cronologia do texto que documenta o NP ora analisado não coloca em causa a análise etimológica estabelecida por Frank (2011, pp. 54–58) para o lexema basco *gaizt* < **gaiz* < **gaiez* — raiz *gai* (Michelena, 1997², pp. 92, 104) seguida da partícula de negação *ez* (Agud & Tovar, p. 857). No entanto, a analogia de *beltz* ‘preto, negro, escuro’ < *belz* < *belex* < *bel* com o(s) cognado(s) ibérico(s) *bels* < *beles* < *bel* — que Michelena (1961, p. 21) chegou a arrumar apressadamente num grupo de “ecuaciones formalmente irreprochables” (Michelena, 1961, p. 21), também consideradas “coincidencias [...] remarquables” (Michelena, 1979, p. 38), detectáveis entre vocábulos de ambos os idiomas — deixa entrever fortes dúvidas quanto à fidedignidade de semelhante etimologia, sendo certo que, em basco, o significado de *beltz* < *belz*, lexema do qual participa o sufixo formador de adjetivos *-tz* < *-z* (Lakarra (2002, p. 431), decerto equiparável ao ib. *-s* < *-ś* < *es*, não divergirá substancialmente — e muito menos será o oposto — do que subjaz ao apelativo *bel*, do qual deriva, a despeito das reservas patenteadas por Lakarra (2002, p. 432). Cabe, contudo, a possibilidade, bastante remota, de *bel* remeter para duas raízes homónimas, uma das quais alóctone, quiçá de procedência céltica, que seria em (paleo)basco semanticamente equiparável a ‘branco, claro’. Importa, no entanto, reconhecer que estamos no domínio da pura especulação.

GESEL'AD'ĒN / GESEL'AND'ĒN. Estela de arenito. Proveniência indeterminada (Valpalmas, Saragoça?). IRMN 58.

Conseguimos descortinar há muito pouco tempo um primeiro indício, reconhecidamente

ténue, da possível existência do formante antroponímico *gesel (Faria, 2019, p. 60), de ascendência paleobasca/aquitana ou, com menor grau de probabilidade, ibérica. Continuamos, no entanto, a dar preferência às nossas anteriores análises do NP em causa, expostas em mais do que uma ocasião: *ges·elad·in, *ges·elan·din, *ges·eland·in (Faria, 1995a, pp. 81–82; 2000a, p. 123; 2008a [2009a], p. 150; 2017, p.86), *ges·elad·in, *ges·elan·din e *ges·eland·in (Faria, 2013, p. 191; 2017, p. 86).

Dando-se o caso de estarmos na presença de um NP total ou parcialmente paleobasco/aquitano, não serão de descartar as restituições *ges·elan·den ou *ges·elan·den, havendo, nesta circunstância, que isolar no NP em questão o sufixo *-ten*. Em desfavor de uma tal hipótese, cumpre-nos todavia assinalar que não se verifica mais nenhuma ocorrência da sonorização da dental surda pertencente ao sufixo no seguimento da nasal com que termina o radical (viz. BONTEN[, CISONTEN[e HAHANTEN) (Michelena, 1985 [1954], p. 415; Gorrochategui, 1984, p. 368).

Tanto Moncunill (2019, p. 156; 2020, p. 187) como Simón (2020, p. 132) optaram pela lição GESELADIN, preceituada por Velaza (1993, p. 80; 1995, p. 213), seguindo de perto a interpretação, em nosso entender equivocada, que este autor conferiu ao mencionado NP. Com efeito, não há quaisquer provas da existência em ibero de *kesel, e o mais provável é que nunca venham a existir.

TANNIBER. Marca em lingote de chumbo. Naufrágio Cabrera 5 (Cabrera, Baleares). Simón, 2015, *passim*.

Partindo do pressuposto, não inteiramente seguro (Simón, 2015, pp. 181–182), de que estamos perante um NP ibérico completo (Simón, 2015, *passim*), há que admitir duas hipóteses para a correspondente segmentação: TANN·IBER (Faria, 2016, p. 164; 2018 [2019], pp. 102–103) ou TANNI·BER (Faria, 2016, p. 164). A análise TANN·IBER, encarada por Simón (2015, pp. 183, 184 e n. 17; 2020, p. 150) como a mais plausível, não se nos afigura viável, já que a individualização de um infix *-i-* em diversos NNP ibéricos (MLH III 1, p. 203) não passa, a nosso ver, de mera ilusão (Faria, 1995b, p. 328; 1998b, p. 234; 1999, p. 154; 2000a, p. 126; 2001a, p. 98; 2003a,

p. 216; 2004b, p. 295; 2016, p. 164; 2017, p. 91). Não seria difícil acrescentar vários paralelos aos que foram encontrados por Simón para os presumíveis componentes de TANNI·BER. Importa-nos, por agora, apenas assinalar que, na eventualidade de TANNI·BER constituir a segmentação apropriada, os dois *comparanda* aduzíveis para o tema inicial figuram em idêntica posição nos NNP **TaniTo** (Campmajó & Untermann, 1993, p. 513; Faria, 2004b, pp. 300, 310; 2016, p. 164; 2017, p. 91) e **taneiceles** (C.15.1; Rodríguez, 2002 [2003], p. 269; Faria, 2004b, p. 300; 2008a [2009a], p. 152; 2008b [2009b], pp. 63–64; 2010 [2011], p. 99), tendo este último sido erroneamente analisado tanto por Rodríguez (2002 [2003], p. 269; 2014, pp. 178, 199) como por Simón (2015, p. 183 e n. 15; 2020, p. 149, n. 1).

TARBANTV. Tábua de bronze. Roma. CIL I² 709. Diversamente do que, de modo insidioso, assevera Simón (2020, p. 150), a segmentação TARBAN·TV é da nossa lavra (Faria, 2002a, p. 240; 2007a, p. 179; 2011 [2012], p. 153; 2020a, p. 57), e não da de Untermann, que sempre perfilhou a transcrição TABBANTV, considerando-a um erro do gravador, por *TARBANTU (Untermann, 1987, pp. 307, 313; MLH III 1, p. 233, n. 116.1) ou por *TASBANTU (MLH III 1, p. 233, n. 116.1).

tarticeles. Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Gerona). Vilà, 1996, p. 296.

Dando continuidade a uma prática por nós denunciada demasiadas vezes — o que o aproxima do, por ele, hipercitado Rodríguez —, Simón (2020, p. 151) ocultou aos seus leitores que a identificação do NP em análise é da nossa responsabilidade (Faria, 1997, p. 110; 1999, p. 159; 2002b, pp. 123, 125; 2004b, p. 300; 2007b, p. 227; 2008b [2009b], p. 59; 2010 [2011], p. 99; 2011 [2012], p. 168; 2013, p. 204).

Vale a pena frisar que Vilà (1996, pp. 297–298) isolou **rTiCeles** (*sic*) como NP indígena, visto acreditar que a distância entre o primeiro e o segundo grafemas, por ela considerada excessiva, impedia que ambos pertencessem à mesma palavra (Faria, 2013, p. 204).

Eleruaç. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Temos vindo a sustentar há quase três décadas que a leitura Bleruaç deve dar lugar a Eleruaç, um NP ibérico que já era conhecido em escrita levantina, sob a forma **elerbaś**, num grafito cerâmico de *Iliberris* (Elne) (B.9.1) (Faria, 1991b, p. 18; 1994a, p. 69; 1998b, p. 234; 2000a, p. 131; 2000b, p. 63; 2001a, pp. 99–100; 2002b, p. 129; 2003b, p. 323; 2004b, p. 292; 2006, p. 118; 2007a, p. 170; 2010 [2011], p. 100; 2011 [2012], p. 166). Não obstante, temos plena consciência de que o fantasmático Bleruaç, tido alternada ou sucessivamente por “autóctone”, “indígena”, “lígure” ou “liguróide”, irá oferecer resistência durante muitos anos, em virtude dos numerosos apoiantes que tem sabido concitar, continuando Gorrochategui a ser um dos mais obstinados entre todos eles (Gorrochategui, 2018, pp. 154, 268, 270; 2019, pp. 141, 327, 336, 389).

ERDOILD[IR²]. Inscrição rupestre. Osséja (Prades, Les Pyrénées catalanes, Pyrénées Orientales). Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 183; Ferrer, Olesti & Velaza, 2020, p. 37.

Pouco mais haverá a acrescentar à análise deste NP formulada pelos editores *principes*, restando-nos tão-somente indicar alguns possíveis paralelos para *erdo*, o primeiro membro do composto em questão, que escaparam à atenção tanto daqueles (Ferrer, Velaza & Olesti, 2018, p. 183; Ferrer, Olesti & Velaza, 2020, p. 37) como de Simón (2020, p. 129, n.º 63).

Em primeiro lugar, cabe-nos trazer à colação [e²]rToPeś (C.2.40) (Faria, 1995b, p. 328; 2000a, p. 126; 2010 [2011], p. 101). Muito embora as probabilidades sejam mais remotas, também JoPeś (C.2.54) (Faria, 1995b, p. 328; 2000a, p. 126; 2010 [2011], p. 101) poderá ostentar o mesmo elemento.

Creemos ainda que vale a pena ponderar a possibilidade de *erdo* figurar igualmente em CARERDONIS (gen.) (Gorrochategui, 2003, p. 31). Sem que possamos negar a eventualidade de o presente NP se segmentar em **Carer-do* (Gorrochategui, 2003, p. 31; Martínez, p. 526, n. 11), o certo é que nada há na onomástica paleobasca/ibérica que se possa assemelhar a *carer*. Em contrapartida, *car* / *caí* poderá ocorrer no NP **CaśuriTu** (Faria, 2001a, p. 99; 2005b, p. 167; 2011 [2012], pp. 161–162) e no NL *Cara* (Castillo, 1992, p. 122; Ramírez, 2009, p. 138; *MLH* VI, pp. 314–315).

Também o NL alavês *Ordoñana* poderá documentar a existência do segmento *erdo*, na eventualidade de o mesmo derivar de um NP ibérico (e paleobasco?), **Erdonios* / **Erdonius*, que seria naturalmente segmentável em *erdo-nios* / *erdo-nius*. Albertos (1970, pp. 195–196, 219) e Salaberri (2015, p. 171) identificam um *Erdonius* / *Herdonius* na génese do NL *Ordoñana*, mas atribuem-lhe uma procedência latina, uma pretensão que foi questionada por Yarza (2015, p. 378). Este autor, que, em contrapartida, se inclina, tal como muitos outros antes dele, por remeter *Ordoñana* para o NP *Ordonius* < *Fortunius*, alega que são muito antigas e escassíssimas as atestações latinas de *Erdonius* / *Herdonius*, chegando a qualificar os raros detentores deste último como “personajes legendarios del s. VI a. C.” (Yarza, 2015, p. 378. Não será por acaso que, em toda a EDCS, encontramos uma só *Herdonia* (EDCS-19301085) e nenhum *Erdonius*.

ESDOPE[---]. Placa de mármore negro. *Tocolosida* (Bled Takourart, Marrocos). Euzennat, 1989, pp. 295, 296, fig. 212, n.º 9.

A exemplo de outros autores, também Moncunill (2019, pp. 142, n. 30, 154; 2020, pp. 181, n. 21, 186) e Simón (2020, p. 131) cometeram a imprudência de admitir ESDOPE[LES] como única restituição possível para este NP mutilado. Ora, conforme vimos noutras ocasiões (Faria, 2009 [2010], p. 162; 2018 [2019], p. 82), semelhante restituição está longe de ser a única viável.

HAHANTEN(N). Liéoux (Haute-Garonne) / Burgalays (Haute-Garonne) Gorrochategui, 1984, p. 212, n.ºs 194–195.

Já Gavel (1921, pp. 100–103, 352) havia assinalado em diversos vocábulos bascos um desdobramento vocálico de natureza acentual ou prosódica, não tendo tal fenómeno, que foi igualmente alvo da atenção de Uhlenbeck (1932, *passim*), suscitado grande interesse entre os mais recentes estudiosos do idioma, sobretudo depois do comentário que, num registo irónico, lhe dedicou Michelena (1985 [1954], p. 426, n. 18). Felizmente, tal tomada de posição não obistou a que Orpustan (1999, p. 65) examinasse o tema em dois elucidativos parágrafos.

O certo é que há vários casos na onomástica paleobasca/aquitana e na de origem céltica

adaptada à morfo-fonologia daquele idioma que atestam o desdobramento vocálico seguido da epêntese de aspirada anti-hiática (Iglesias, 2012, pp. 179–180; 2016, pp. 54–61). Assim, o *-h-* entre vogais idênticas configura uma inovação, documentada nos seguintes casos: *dunoho* < *duno* (Iglesias, 2012, pp. 179–180; 2016, pp. 58–59), *hahan* < *an* (Faria, 2016, p. 165), *lehen* < **den* (Lakarra, 2017, p. 72), *leher* < *ler* (Iglesias, 2012, p. 179; 2016, pp. 57–58), *luhur* < *luur* < *lur* (Lakarra, 2017, p. 86, n. 24), *uloho* < *ulu* (Iglesias, 2012, pp. 179–180; 2016, pp. 58–59), *zahar* < *zar* < *sar* (Faria, 2016, pp. 164–165; 2017, p. 91; 2018 [2019], p. 96) e *zuhur* < *zur* (Lakarra, 2017, p. 87, n. 38).

Gorrochategui (1984, p. 286) preferiu interpretar tais casos como testemunhos da evolução em sentido inverso, considerando etimológica a aspirada intervocálica. Foi com base nesta postura que Gorrochategui (2020b, p. 20) encarou *hahan-* como a reduplicação de **ha(n)-han*. Em contrapartida, pela nossa parte, continuamos a crer que a alteração gráfico-fonética observada em *an-* > *hahan-* permite-nos entender HAHANTEN(N) como a versão aquitana (e feminina) do NP céltico (latinizado) *Antenus* (Delamarre, 2007, pp. 23, 211; 2012, p. 53). Refira-se que a base *hahan-* ocorre no NP feminino *Hahanxi* < **Hahanse*, registado num documento datado de 1152 pertencente ao Tombo do Mosteiro de Sobrado dos Montes (Boullón, 1999, p. 265). Seria estranho que, em meados do século XII, a aspirada presente no radical *hahan-* ainda não tivesse sido sujeita a uma síncope, caso a mesma fosse etimológica, conforme defende Gorrochategui.

LAVRBELES. Estela de arenito. Les Maleses (Torrefeta/Florejacs, Lérida). EDCS-11700998.

Seguindo o exemplo de Gorrochategui (2018, pp. 73, 78, 103, 134, 358, n. 10; 2019, pp. 67, 154), também Simón (2020, p. 135, n.º 75) se esqueceu de referir que, antes de figurar em IRC II 83, a lição LAVRBELES já tinha sido contemplada por Albertos (1966, pp. 263, 272) em alternativa a LAVRBELES, se bem que, mais tarde, esta investigadora tenha retrocedido, optando definitivamente pela transcrição errada (Albertos, 1983, pp. 876, 877). Já Mariner (1979, p. 71), indiscutível conhecedor da monografia de Albertos (1966), não teve dúvidas em decidir-se por LAVRBELES.

L'VNT'IBELŠ'AR'. Estela de calcário. San Román de San Millán (Álava). Sáenz de Buruaga & Sáenz de Urturi, 1994, p. 70.

Não podemos deixar de continuar a manifestar fortes dúvidas acerca da adequada transcrição do NP ibérico em análise. Fizemo-lo na abordagem inicial (Faria, 1997, p. 108) com base na observação das fotos reproduzidas na *editio princeps*, sendo que as que figuram em HEPOL 12776 não anulam tais dúvidas por completo.

O cotejo de L'VNT'IBELŠ'AR' com LV<N>TIBELSCOTTIO (dat.) (Sáenz de Buruaga & Sáenz de Urturi, 1994, p. 68) — NP que, segundo Gorrochategui (1995 [1997], p. 119), poderá corresponder ao mesmo indivíduo — leva-nos a aventar como exequíveis as seguintes segmentações: **Lunti·bels·(s)ar'* / **Lunti·bels·(š)ar'*, **Lunti·bel·sar'* / **Lunti·bel·šar'* ou **Lun·tibels·(s)ar'* / **Lun·tibels·(š)ar'*.

A individualização de **lun* ou **lunti* decorre da comparação com o NL LONT(*igi*) / LVNT(*igi*) / OLONT(*igi*) / OLVNT(*igi*) (Faria, 2006, p. 124; 2020b, p. 14).

Já a identificação de *(s)ar'* ou *(š)ar'*, segmento ibérico e paleobasco que tem vindo a ser traduzido como 'velho' (Vidal, 2015, p. 138; Faria, 2016, pp. 164–166; 2017, p. 91; 2018 [2019], p. 96), resulta precisamente da sua comparação com *cottius* (Sáenz de Buruaga & Sáenz de Urturi, 1994, p. 68) < **cottos*, o segmento final de LV<N>TIBELSCOTTIO (dat.), termo céltico cujo significado não é outro senão 'velho' (Delamarre, DLG, p. 127).

Caso haja que isolar *scottio* como elemento final (Gorrochategui, 2019, p. 172), poder-se-ia encarar **scottios*, derivado adjectival de **scottos* mediante o uso do sufixo *-io-*, como tradução céltica do paleobasco/ibero *bel* 'preto, escuro', o segmento imediatamente anterior.

MATVRITO[-³] (dat.³). Cerâmica comum cinzenta. Ensérune (Nissan-lez-Ensérune, Hérault). Ruiz Darasse, 2020, pp. 261–262.

A foto que acompanha a publicação deste grafito permite-nos identificar com grande verosimilhança a metade inferior da barra vertical direita de um <M>, sendo, por conseguinte, de descartar a hipótese, aventada por Ruiz Darasse (2020, pp. 261–262), de a letra anterior ao <A> configurar um <C>.

Estamos naturalmente perante um NP gaulês (conquanto em escrita latina) que exhibe *matu-* (Delamarre, 2007, p. 226) como componente inicial.

Ruiz Darasse (2020, p. 162), que transcreve o NP em apreço como [C]ATVRIT(os), sugere, a nosso ver acertadamente, individualizar *ritu-* (Delamarre, 2007, p. 230) como segundo membro do composto. Sucede, contudo, que *ritu-* configura um radical de tema em *-u* (Schmidt, 1957, p. 259; Evans, 1967, pp. 249–250; Delamarre, *DLG*, pp. 259–260; 2007, p. 230; 2017, pp. 49–50), pelo que dificilmente se explicaria a interpretação do dito radical como pertencendo aos lexemas de tema em *-o*. É bem certo que há vários testemunhos em que a vogal final de *ritu-* é substituída por *-o*, mas este é o mesmo fenómeno que já foi detectado noutros lexemas terminados em *-u*, quando estes figuram como primeiros membros de compostos nominais (Schmidt, 1957, p. 91; Sims-Williams, 2013, pp. 40–42).

Partindo do pressuposto, perfeitamente legítimo, de que há que identificar *ritu-* como segmento final de MATVRITO, impõe-se que encaremos este último como NP completo em dativo (latino), em detrimento da exegese do mesmo, assumida por Ruiz Darasse (2020, pp. 161–162), como figurando no nominativo, em língua gaulesa e alfabeto latino.

Há mais um testemunho deste NP, igualmente latinizado, mas no nominativo, numa marca de *terra sigillata* (Gravrielatos, 2012, pp. 147, 194), não havendo motivos para considerar *Maturitus* um nome de assonância, ao invés do que opina Gavrielatos (2012, pp. 147, 194).

Ναλβε[--]ν. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigeac, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

É descoroçoante constatar que, não obstante as nossas insistentes chamadas de atenção para o único modo correcto como o presente NP deve ser transcrito (Faria, 2004a, p. 185; 2010 [2011], p. 97; 2016 [2017], p. 125; 2019, pp. 62–63), ainda vai sendo possível depararmo-nos com invenções do calibre de Ναλβεαδιν (Gorrochategui, 2018, pp. 154, 168; 2019, pp. 139, 327; Moncunill & Velaza, 2020, p. 611).

SABETANVS. *Sabe*/**Sabe* (San Sebastián de los Ballesteros, Córdoba). *CIL* II²/5, 529.

Há mais de 15 anos (Faria, 2003b, p. 326), criticámos Correa (2002 [2003], p. 136) por remeter SABETANVS (e não *SABETANVS) para **Sabetum*, uma filiação que, mais recen-

temente, foi também subscrita por Untermann (*MLH* VI, p. 608).

A nossa crítica estribava-se na eventualidade, por nós equacionada alguns anos antes (Faria, 1998c, p. 258), de *Sabe* corresponder à *Sabe Gemella* referida pelo Anónimo de Ravena (Sillières, 1990, p. 415).

Qual não foi a nossa surpresa ao termos constatado (Faria, 2016 [2017], p. 111) que Correa (2016, pp. 312, 427) reivindicou a autoria da identificação do NL indígena *Sabe* / **Sabe* como origem do gentílico a que dedicamos a presente entrada.

Tal como tivemos oportunidade de notar numa ocasião anterior (Faria, 2019, p. 64), é nossa firme convicção que o insólito comportamento assumido por Correa não teve carácter doloso, já que, pouco tempo depois, este autor não hesitou em reconhecer o erro por ele cometido (Correa, 2017, p. 55).

Independentemente da bondade da associação de *Sabe* a *Gemella*, sobre a qual Correa (2017, pp. 53–54) expressou fundadas dúvidas, nada impede que a abreviatura SAB, registada por duas vezes na inscrição *CILA* 6, 216, remeta para o NL indígena acima mencionado, uma possibilidade que Rodríguez (2010, p. 128) não conseguiu vislumbrar. Outra hipótese de indicação de origem que aqui alvitramos, igualmente descurada por Rodríguez, consiste na possibilidade de SAB se relacionar com o NL *Sabora*.

Queremos acreditar que terá sido por mera ignorância que Ferrer (2020b, p. 93) omitiu toda a nossa bibliografia acerca do gentílico ora lematizado.

SANIBELSER. *Tábua de bronze*. Roma. *CIL* I² 709.

A única segmentação admissível para o presente NP é **śani·bels·eér* (Faria, 1994a, p. 69; 1999, p. 154; 2003b, p. 317; 2004b, p. 299; 2010 [2011], p. 97; 2014, p. 170; 2020a, p. 59), pelo que devem ser rejeitadas outras propostas de análise, entre quais figura *san·i·bels·er* (Simón, 2020, pp. 140–141, n.º 86).

SIRASTEIVN. Estela funerária de arenito. Alcañiz (Teruel). *ERTer*, 5.

Estamos naturalmente perante um NP ibérico trimembre, segmentável em SIR-[A]STE-IVN < **sir·aste·iun* / **si·aste·iun* (Faria, 1997, p. 110; 2000a, p. 123; 2002b, p. 129; 2004a, p. 183; 2004b, p. 309; 2005a, p. 274; 2007a, p. 173;

2011 [2012], pp. 150–151; 2015, p. 136; 2016 [2017], p. 117; 2019, p. 65).

Escapa, por conseguinte, à nossa compreensão todo o arrazoado que Simón (2020, pp. 142–143, n.º 90) decidiu desenvolver acerca da nossa perspectiva sobre o referido NP, a qual, ao arripio das palavras do citado autor, se manteve invariável ao longo do tempo.

V'NI'BEL. Placa de xisto. El Sauzón (Villanueva del Duque, Córdoba). *HEp* 7, 300.

Vale a pena recordar que Rodríguez (2007 [2008], p. 98) soltou alguns disparates acerca do presente NP, mas deve ter-se entretanto arrependido dos mesmos, já que decidiu excluir VN[I]BEL(es) (sic) do mais recente repertório antroponímico ibérico, remetendo-o para um grupo de NNP de duvidosa interpretação (Rodríguez, 2014, p. 220).

Há alguns anos, Simón (2015, p. 186, n. 39) tentou confundir os seus leitores através de uma narrativa respeitante ao mesmo NP, cuja falsidade nos vimos na obrigação de desmontar (Faria, 2016, p. 166). Assim, é ao autor destas linhas, e não a García (1997, p. 544), que cabe a identificação de *Unibel* como NP ibérico (Faria, 2002b, p. 125; 2003a, p. 216; 2004b, p. 310), a decompor em *unin* (*MLH* III 1, p. 237) e em *bel* (Faria, 2002b, p. 125; 2003a, p. 216).

Simón (2020, p. 158, n.º 121) deixou agora de subscrever a nossa transcrição — VNIBEL —, que atribuía a outrem, para preceituar a leitura VNBEL, passando a acreditar que *un* está por *uni* e *bel* abrevia *bels* ou *beles*.

Em contrapartida, Moncunill (2019, p. 149; 2020, p. 185) adoptou a nossa exegese, mas, convenientemente, “esqueceu-se” de citar os artigos em que a veiculámos.

[N]αυαρυας. Placa de chumbo. Pech Maho (Sigean, Aude). Lejeune, Pouilloux & Solier, 1988, p. 53.

Temos vindo a sustentar há três décadas que [N]αυαρυας configura um NP ibérico (Faria, 1991b, p. 18; 1994a, p. 69; 1998d, p. 229; 2000a, p. 131; 2001a, pp. 99–100; 2002b, p. 129; 2004b, p. 292; 2010 [2011], p. 100; 2011 [2012], p. 166; 2016 [2017], p. 126; 2019, p. 63). Não obstante, temos plena consciência de que diversos investigadores continuarão a considerar [N]αυαρυας, alternada ou sucessivamente, “autóctone”, “indígena”,

“lígure” ou “liguróide”, assumindo-se Gorrochategui como um dos mais obstinados entre todos eles (Gorrochategui, 2018, pp. 154, 268, 270; 2019, pp. 141, 327, 336, 389).

]ĽESPAISER. Tábua de bronze. Roma. *CIL* I² 709. [BE]ĽESPAISER e [CV]ĽESPAISER constituem as restituições mais prováveis para o presente NP (Faria, 2002a, p. 240; 2004b, p. 298; 2019, p. 67), sendo que Simón (2020, p. 162) acolhe unicamente a primeira delas, em tempos proposta por Untermann (1979, p. 47) (a par de [N]ESPAISER) a partir de uma leitura errônea:]ESPAISER.

]NNARISCER. Vaso de *terra sigillata*. La Jana (Burriana, Baix Maestrat, Castellón). Corell, 2005, pp. 178–179, n.º 95.

Há mais de uma década (Faria, 2005a, p. 282; 2016, pp. 166–167), propusemos restituir o presente NP ibérico como [BI²]NNARISCER < *[bi²]nr̄riscer ou como [SE²]NNARISCER < *[se²]nr̄riscer, sendo qualquer destas hipóteses preferível a [A]NNADISCER < *[a]nnadiscer (Corell, 2005, pp. 178–179), não obstante a existência, na onomástica céltica, do tema *anad-/anat-* (Billy, 1993, p. 10; Degavre, 1998, p. 43; Delamarre, *DLG*, p. 44; 2019, pp. 58–59; Delestree, Manios & Meziane, 2020, p. 20).

A interpretação de **binnar* < *bin̄nr* como componente onomástico ibérico, da nossa responsabilidade, é tributária do estudo sobre a distribuição das nasais ibéricas assinado por Correa (1999, pp. 388, n. 84, 389 e n. 89), enquanto a sugestão no sentido de incluir **sennar* < *sen̄nr* na mesma categoria léxica foi originariamente formulada por Untermann (*MLH* III 2, p. 373). Não obstante ser conhecedor desta nossa análise, Simón (2020, p. 163) mais não fez do que reproduzir os erros de leitura constantes da *editio princeps*.

O argumento utilizado por Simón (2020, p. 163) com vista a justificar a recusa em reconhecer **binnar* < *bin̄nr* ou **sennar* < *sen̄nr* como segmentos antroponímicos ibéricos consiste na ausência de outros testemunhos daqueles formantes. Acontece, contudo, que Simón deu mostras de alguma incoerência ao não ter esgrimido semelhante argumento a propósito de *kesel* (sic) (Simón, 2020, p. 132) ou de *annad* (Simón, 2020, p. 163), pretensos segmentos ibéricos sobre cuja existência não manifestou quaisquer dúvidas.

A despeito do tom peremptório usado por Simón, **senmr** comparece no presumível NP **senmr̄un** (MLH III 2, p. 373), podendo o NP feminino SENARIONI (dat.) (HEp 4, 509) representar a latinização do NP ibérico *Sen(n)ariun < *senfr̄riun.

]RESVNIN. Placa de mármore. *Saguntum* (Sagunto, Valência). CIL II² 14 (1) 438.

Simón (2020, p. 164), decerto por mero desconhecimento, não conseguiu identificar nenhum paralelo para *ureś*, o presumível membro inicial do NP ora lematizado (Silgo, 1988, p. 765; 1994, p. 252; Faria, 1995b, p. 329; 1998d, p. 233; 2000a, p. 141; 2004a, p. 183). Acontece, porém, que o componente antroponímico **ureś** / **mireś** / **mres** / **mureś** consta de **urestinir** / **mirestinir** (Solier, 1979, pp. 77, 84) (Faria, 1990–1991, p. 88; 1994a, p. 68), assim como de **mresunir** / **mur[es]unir** (Solier, 1979, p. 85) (Faria, 1990–1991, p. 88; 1995b, p. 326).

Em todo o caso, cremos que são também plausíveis outras restituições para o mesmo NP:

[GA]RESVNIN ou, mais remotamente, [NA]RESVNIN (Faria, 2002a, p. 237–238; 2003b, p. 327; 2004a, p. 183; 2004b, p. 299), hipóteses que Simón (2020, p. 164) também recolhe.

]YRSECEL. Tábua de bronze. Roma. CIL I² 709. Simón (2020, p. 162) creditou-nos muito assiadamente a presente transcrição, que apresentámos há vários anos (Faria, 2002a, p. 240; 2004b, p. 301) em alternativa a]RSECEL, adoptada sem reservas por todos os investigadores que se debruçaram sobre o patrócnimo em causa (v., entre outros, Faria, 2002b, p. 123; Rodríguez, 2002 [2003], p. 267). Lamentavelmente, na sequência imediata de uma tal atribuição, Simón (2020, p. 162) lembrou-se de associar à nossa leitura o trabalho publicado pelo nunca demasiado incensado iberólogo Rodríguez (2014, p. 188), privilegiando a solidariedade nacional em detrimento dos mais básicos princípios éticos. Trata-se de uma evidente tentativa de branqueamento de uma conduta cuja ignomínia não podemos deixar passar em claro.

Bibliografia citada

ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (2013) – Cuestiones epigráficas del conventus Carthaginensis (Hispania Citerior), con algunas contribuciones póstumas de Géza Alföldy. In LÓPEZ VILAR, Jordi, ed. – *Actes 1er Congrès Internacional d'Arqueologia i Món Antic: govern i societat a la Hispània romana: novetats epigràfiques. Homenatge a Géza Alföldy, Tarragona 29–30 de Novembre i 1 de Desembre de 2012*. Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana, pp. 13–34.

AGUD QUEROL, Manuel; TOVAR LLORENTE, Antonio (1989) – Materiales para un Diccionario Etimológico de la Lengua Vasca XII. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 25:3, pp. 805–864.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1966) – *La onomástica personal primitiva de Hispania Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas; Universidad.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1970) – Álava prerromana y romana: estudio lingüístico. *Estudios de Arqueología Alavesa*. 4, pp. 107–233.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1983) – Onomastique personnelle indigène de la Péninsule Ibérique sous la domination romaine. In TEMPORINI, Hildegard; HAASE, Wolfgang, eds. – *Aufstieg und Niedergang der römische Welt*. II.29.2. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter, pp. 853–889.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1985–1986) [1987] – La onomástica personal indígena de la región septentrional. *Veleia*. 2–3, pp. 155–194.

BELTRÁN LLORIS, Francisco (1980) – *Epigrafía latina de Saguntum y su territorium*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica.

BILLY, Pierre-Henri (1993) – *Thesaurus Linguae Gallicae*. Hildesheim [etc.]: Olms-Weidmann.

BOULLÓN AGRELO, Ana Isabel (1999) – *Antroponimia medieval galega (ss. VIII–XII)*. Tübingen: Niemeyer.

CAMPMAJÓ, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1993) – Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 499–520.

- CASTILLO GARCÍA, Carmen (1992) – La onomástica en las inscripciones romanas de Navarra. In *Segundo Congreso General de Historia de Navarra, 24–28 septiembre 1990, 2. Conferencias y comunicaciones sobre Prehistoria, Historia Antigua e Historia Medieval*. Pamplona: Institución “Príncipe de Viana”, pp. 117–133.
- CIEBIDE MARTINENA, Ricardo (1996) – Leyre: onomástica del Becerro Antiguo: consideraciones. *Fontes Linguae Vasconum*. 71, pp. 119–134.
- CIEBIDE MARTINENA, Ricardo (2005) – El nombre de los navarros. In RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, ed. – *La onomástica en Navarra y su relación con la de España: actas de las Primeras Jornadas de Onomástica (Pamplona, 2003)*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, pp. 15–34.
- CIEBIDE MARTINENA, Ricardo (2017) – La onomástica histórica de Navarra. *Huarte de San Juan. Filología y Didáctica de la Lengua*. 17, pp. 6–34.
- CIL I² = LOMMATZSCH, Ernst, ed. (1918) – *Corpus Inscriptionum Latinarum. Inscriptiones Latinae antiquissimae. Pars II, fasc. I*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II²/7 = STYLOW, Armin U.; GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; ALFÖLDY, Géza (1995) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars VII: conuentus Cordubensis (CIL II²/7)*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CIL II²/14 (1) = ALFÖLDY, Géza; CLAUSS, Manfred; MAYER OLIVÉ, Marc; CORELL VICENT, Josep; BELTRÁN LLORIS, Francisco; FABRE, Georges; MARCO SIMÓN, Francisco; RODÀ DE LLANZA, Isabel (1995) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars XIV: conuentus Tarraconensis. Fasc. I: Pars meridionalis conuentus Tarraconensis*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CILA 6 = GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; MANGAS MANJARRÉS, Julio (1991) – *Corpus de inscripciones latinas de Andalucía III: Jaén. Tomo I*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- COMAS SOLÁ, Monserrat; PADRÓS MARTÍ, Pepita; VELAZA FRÍAS, Javier (2001) [2002] – Dos nuevas estelas ibéricas de Badalona. *Palaeohispanica*. 1, pp. 291–299.
- CORELL VICENT, Josep (1998) – *Inscripcions romanes d’Ilici, Lucentum, Allon, Dianium i els seus respectius territoris*. València: Nau Llibres.
- CORELL VICENT, Josep (2005) – *Inscripcions romanes del País Valencià, II. 1. L’Alt Palància, Edeba, Lesera i els seus territoris. 2. Els mil·liaris del País Valencià*. València: Universitat.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1999) – Las nasales en ibérico. In VILLAR LIÉBANA, Francisco; BELTRÁN LLORIS, Francisco, eds. – *Pueblos, lenguas y escrituras en la Hispania prerromana: actas del VII Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas (Zaragoza, 12 a 15 de marzo de 1997)*. Salamanca: Universidad; Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 375–396.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2002) [2003] – La distribución de las oclusivas orales en la toponimia prerromana de la Bética. *Palaeohispanica*. 2, pp. 133–139.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2016) – *Toponimia antigua de Andalucía*. Sevilla: Universidad.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2017) – El topónimo *Sabe Gemella*: nota a *Ravenn.* 315,19. *Habis*. 48, pp. 49–55.
- CORZO SÁNCHEZ, Sebastián; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; STYLOW, Armin U.; UNTERMANN, Jürgen (2007) [2008] – *Betaton*, la primera divinidad ibérica identificada. *Palaeohispanica*. 7, pp. 251–262.
- DEGAVRE, Jean (1998) – *Lexique gaulois: recueil de mots attestés, transmis ou restitués et de leurs interprétations*. Bruxelles: Société Belge d’Études Celtiques.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003²) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental. 2^e édition revue et augmentée. (2001¹)*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum: (noms de personnes celtiques dans l’épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l’Europe ancienne (–500 / +500)*. Arles: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2017) – *Les noms des gaulois*. Paris: Les Cents Chemins.
- DELAMARRE, Xavier (2019) – *Dictionnaire des thèmes nominaux du gaulois. I: Ab- / Ixs(o)-*. Paris: Les Cent Chemins.
- DELESTRÉE, Louis-Pol; MANIOS, Nicolas; MEZIANE, Karim (2020) – Notes d’épigraphie gauloise. *Cahiers Numismatiques*. 224, pp. 13–20.
- EDCS = *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby* < http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php >.
- ERTer = NAVARRO CABALLERO, Milagros (1994) – *La epigrafía romana de Teruel*. Teruel: Instituto de Estudios Turolenses; Zaragoza: Departamento de Ciencias de la Antigüedad, Arqueología; Bordeaux: Centre Pierre Paris, Université Michel de Montaigne, Bordeaux III.
- EUZENNAT, Maurice (1989) – *Le limes de Tingitane: la frontière méridionale*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.
- EVANS, David Ellis (1967) – *Gaulish personal names: a study of some Continental Celtic formations*. Oxford: Clarendon.

- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafia monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992) – [Recensão de] VELAZA, Javier – *Léxico de inscripciones ibéricas: 1976–1989*. Barcelona, 1991, 204 p. *Conimbriga*. 31, pp. 191–195.
- FARIA, António Marques de (1992–1993) – Notas a algumas inscrições ibéricas recentemente publicadas. *Portugalia*. Nova série. 13–14, pp. 277–279.
- FARIA, António Marques de (1993) – A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova Série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. Aljustrel. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1995b) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova Série. 16, pp. 323–330.
- FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] Javier VELAZA FRÍAS, *Epigrafía y lengua ibéricas* [Cuadernos de Historia; 16], Madrid: Arco Libros, S. L., 1996, 69 pp. *Conimbriga*. Coimbra. 37, pp. 267–271.
- FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1998c) – [Recensão de] RICHARDSON, John S. – *The Romans in Spain*. Oxford: Blackwell, 1998. VII + 341 p. (A History of Spain; 2), ISBN 0.631-17706-X. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 257–259.
- FARIA, António Marques de (1998d) – [Recensão de] SILGO GAUCHE, Luis – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana, 1994. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:1, pp. 228–234.
- FARIA, António Marques de (1999) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001b) – [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. – *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2005a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2006) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.

- FARIA, António Marques de (2007a) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.
- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, pp. 145–158.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crónica de onomástica paleohispànica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–212.
- FARIA, António Marques de (2014) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2015) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 125–146.
- FARIA, António Marques de (2016) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (23). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 155–174.
- FARIA, António Marques de (2016) [2017] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (25). *Arse*. 50, pp. 109–139.
- FARIA, António Marques de (2017) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (24). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 83–99.
- FARIA, António Marques de (2018) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (26). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 21, pp. 115–130.
- FARIA, António Marques de (2018) [2019] – Crónica de onomástica paleo-hispànica (27). *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 17, pp. 75–137.
- FARIA, António Marques de (2019) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (28). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 22, pp. 55–78.
- FARIA, António Marques de (2020a) – Crónica de onomástica paleo-hispànica (29). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 23, pp. 51–72.
- FARIA, António Marques de (2020b) – Topónimos e antropónimos em moedas hispànicas: algumas notas historiográficas. In DE FRANCISCO OLMOS, José María; RETAMERO SERRALVO, Félix, eds. – *Homenaje a Josep Pellicer i Bru*. Barcelona: Asociación Numismática Española, pp. 11–27.
- FERRER I JANÉ, Joan (2005) [2006] – Novetats sobre el sistema dual de diferenciació gràfica de les oclusives sordes i sonores. *Palaeohispanica*. 5, pp. 957–982.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012) – La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In G. SINNER, Alejandro, ed. – *La moneda de los íberos: Ituro y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.
- FERRER I JANÉ, Joan (2018) – A la recerca dels teònims ibèrics: a propòsit d'una nova lectura d'una inscripció ibèrica rupestre d'Oceja (Cerdanya). In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CAS-TILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 101–126.
- FERRER I JANÉ, Joan (2019) – Construint el panteó ibèric amb l'ajut de les inscripcions ibèriques rupestres. *Ker*. 13, pp. 42–57.
- FERRER I JANÉ, Joan (2020a) – Urdal: une nouvelle inscription rupestre ibère à Ger (Cerdagne) avec une possible divinité zoomorphe liée au sanglier. *Sources*. 7, pp. 17–28.
- FERRER I JANÉ, Joan (2020b) – Sabora: nueva lectura de la leyenda monetiforme turdetana okanaka. *Liburna*. 16–17, pp. 77–100.
- FERRER I JANÉ, Joan; OLESTI VILA, Oriol; VELAZA FRÍAS, Javier (2020) – Les quatre virs ibères de *Iulia Lybica*: une inscription rupestre latine exceptionnelle à Osséja. *Sources*. 7, pp. 29–42.
- FERRER I JANÉ, Joan; SINNER, Alejandro G. (2019) – Baitolo, una doble inscripció ibèrica en un cepo de ancla de plomo del siglo I a.C. *Palaeohispanica*. 19, pp. 147–167.

- FERRER I JANÉ, Joan; VELAZA FRÍAS, Javier; OLESTI VILA, Oriol (2018) – Nuevas inscripciones rupestres latinas de Oveja y los *Illiviri* ibéricos de *Iulia Lybica*. *Dialogues d'Histoire Ancienne*. 44:1, pp. 169–195.
- FITA I COLOMER, Fidel (1892) – [Noticias] Cabeza del Griego. Rectificaciones y adiciones. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. Madrid. 21, pp. 250–252 < <http://www.cervantesvirtual.com/FichaObra.html?Ref=018155> > (consulta: 04/08/20).
- FRANK, Roslyn M. (2011) – Repasando a Joseba Lakarra: observaciones sobre algunas etimologías en euskera a partir de un acercamiento más cognitivo. *Arse*. 45, pp. 17–64.
- GARCÍA ROMERO, José (1997) – Las placas del Sauzón y el Manchego: instrumentos de administración en el trabajo metalúrgico romano. *Florentia Iliberritana*. 8, pp. 535–585.
- GATTI, Giuseppe (1908) – Lamina di bronzo con iscrizione riferibile alla guerra dei socii italici. *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*. 36, pp. 169–226.
- GAVEL, Henri (1921) – Éléments de phonétique basque. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. 12:1, pp. 2–536.
- GAVRIELATOS, Andreas (2012) – *Names on Gallo-Roman terra sigillata (1st – 3rd c. A.D.* Leeds: University of Leeds.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1934) – Notas sobre numismática hispana. *Anuario del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*. 2, pp. 173–191.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) – *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- GONZÁLEZ OLLÉ, Fernando (2004) – Navarra, *Romania emersa* y ¿*Romania submersa*? *Aemilianense*. 1, pp. 225–270.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (1984) – *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2003) – Las placas votivas de plata de origen aquitano halladas en Hagenbach (Renania-Palatinado, Alemania). *Aquitania*. 19, pp. 25–47.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2018) – *Opera selecta Joaquín Gorrochategui, I. Aquitánica – Akitániera*. Vitoria-Gazteiz: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2019) – *Opera selecta. Joaquín Gorrochategui, II. Palaeohispanica. Indoeuropaea*. Vitoria-Gazteiz: Universidad del País Vasco.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2020a) – Aquitano y vascónico. *Palaeohispanica*. 20, pp. 721–748.
- GORROCHATEGUI CHURRUCA, Joaquín (2020b) – *Vascónico-aquitano: lengua | escritura | epigrafía*. Zaragoza: Universidad.
- HEp* = *Hispania Epigraphica*.
- IGLESIAS, Hector (2012) – À propos de quelques graphies apparaissant dans plusieurs anthroponymes et toponymes «basco-aquitaniques» de l'Antiquité et du Moyen-Âge. *Nouvelle Revue d'Onomastique*. 54, pp. 177–197.
- IGLESIAS, Hector (2016) – *Les inscriptions d'Iruña-Veleia: analyse linguistique des principales inscriptions latines et basques découvertes sur le site archéologique de Veleia*. Saint-Denis: Connaissances et Savoirs.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, Alfonso (1987) – Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica. In CIERBIDE MARTINENA, Ricardo, ed. – *Pirenaico navarro-aragonés, gascón y euskera: V Cursos de Verano en San Sebastián*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 71–156.
- IRC II = FABRE, Georges; MAYER I OLIVÉ, Marc; RODÀ DE LLANZA, Isabel (1985) – *Inscriptions romaines de Catalogne II. Lérida*. Paris: De Boccard.
- IRMN = CASTILLO GARCÍA, Carmen; GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, Joaquín; MAULEÓN, María Dolores (1981) – *Inscripciones romanas del Museo de Navarra*. Pamplona: Navarra (Comunidad Autónoma). Servicio de Prensa, Publicaciones y Relaciones Sociales.
- KEUNE, Johann Baptist – *Ilursenses*. In *Paulys Realencyclopädie der classischen Altertumswissenschaft. Neue Bearbeitung* begonnen von Georg Wissowa unter Mitwirkung zahlreicher Fachgenossen herausgegeben von Wilhelm Kroll. Supplementband III: *Aachen bis ad Iuglandem*. Stuttgart: J. B. Metzler, col. 1237.
- KNÖRR BORRÀS, Endrike (1995) – La huella del latín en la lengua vasca. In VALCÁRCEL MARTÍNEZ, Vitalino, ed. – *Didáctica del latín: actualización científico-pedagógica*. Madrid: Ediciones Clásicas, pp. 213–225.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (2002) – Etimologiae (proto)vasconicae LXV. In ARTIAGOITIA BEASKOETXEA, Xabier; GOENAGA MENDIZABAL, Patxi; LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni, eds. – *Erramu boneta: Festschrift für Rudolf P. G. de Rijk*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 425–442.
- LAKARRA ANDRINUA, Joseba Andoni (2017) – Basque and the reconstruction of isolated languages. In CAMPBELL, Lyle, ed. – *Language isolates*. London: Routledge, pp. 59–99.
- LEJEUNE, Michel; POUILLOUX, Jean; SOLIER, Yves (1988) – Etrusque et ionien archaïques sur un plomb de Pech Maho (Aude). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 21, pp. 19–59.
- LUCHAIRE, Achille (1881) – Sur les noms propres basques contenus dans quelques documents pyrénéens des XI^e, XII^e et XIII^e siècles. *Revue de Linguistique et de Philologie Comparée*. 14, pp. 150–171.

- LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2007) – Problemas de morfología nominal ibérica: sufijos y pautas de composición asociados a topónimos. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 8, pp. 49–88.
- MARINER BIGORRA, Sebastián (1979) – La distribución de los fonemas ibéricos según textos en escritura griega y en semisilabario y según onomástica transmitida. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. – *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 69–79.
- MARTÍNEZ ARETA, Mikel (2018) – Indagaciones intergeneracionales en la antroponimia aquitana. *Anuario del Seminario de Filología Vasca «Julio de Urquijo»*. 52:1–2, pp. 517–552.
- MARTÍNEZ SÁENZ DE JUBERA, Martín; GONZÁLEZ PERUJO, José María (1998) – Onomástica vasca en la Rioja. *Fontes Linguae Vasconum*. 79, pp. 475–496.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1958) – Hispánico antiguo y vasco. *Archivum*. 8, pp. 33–47.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1961) – Comentarios en torno a la lengua ibérica. *Zephyrus*. 12, pp. 5–23.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1977²) – *Fonética histórica vasca*. 2.ª ed. (1961¹) San Sebastián: Diputación Foral de Guipúzcoa.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1979) – La langue ibère. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. – *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 23–39.
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1985) [1954] – De onomástica aquitana. In *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 409–445 [= *Pirineos*. 10, pp. 409–455].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1985) [1955] – Cuestiones relacionadas con la escritura ibérica. In *Lengua e Historia*. Madrid: Paraninfo, pp. 357–370 [= *Emerita*. 33, pp. 265–284].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1987) [1969] – Notas lingüísticas a “Colección diplomática de Irache”. In *Palabras y textos*. Bilbao: Universidad del País Vasco, pp. 87–140 [= *Fontes Linguae Vasconum*. 1, pp. 1–59].
- MICHELENA ELISSALT, Luis (1997⁵) – *Apellidos vascos*. 5.ª ed. (1953¹). San Sebastián: Txertoa.
- MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden*. 1. Text. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien*. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien*. 2. Die Inschriften. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, Dagmar (2000) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V, 1. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 2 = MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2019) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V, 2: Lexikon der iberischen Inschriften | Léxico de las inscripciones ibéricas*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH VI = UNTERMANN, Jürgen (2018) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band VI: die vorrömische einheimische Toponymie des antiken Hispanien*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2018) – Mujeres iberas en inscripciones latinas: estudio morfológico de los nombres femeninos en ibérico. In VALLEJO RUIZ, José María; IGARTUA UGARTE, Iván; GARCÍA CASTILLERO, Carlos, eds. – *Studia philologica et diachronica in honorem Joaquín Gorrochategui*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, pp. 331–358.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2019) – From Iberians to Romans: the latinization of Iberian onomastics through Latin epigraphic evidence. *Phoenix*. 73: 1–2, pp. 134–163.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2020) – Se nommer devant l'autre. L'adaptation des noms ibériques à la formule onomastique romaine. In RUIZ DARASSE, Coline, ed. – *Comment s'écrit l'autre? Sources épigraphiques et papyrologiques dans le monde méditerranéen antique*. Pessac: Ausonius, pp. 173–189.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí; VELAZA FRÍAS, Javier (2020) – Iberian. *Palaeohispanica*. 20, pp. 591–629.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo (2005) – *Segmentación de textos ibéricos y distribución de los segmentos*. Tesis doctoral inédita, dirigida por J. de Hoz y R. Pedrero. Madrid: UNED < https://www.academia.edu/1460016/Segmentaci%C3%B3n_de_textos_ib%C3%A9ricos_y_distribuci%C3%B3n_de_los_segmentos > [consulta: 14/08/20].
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (1999) – *La langue basque au Moyen Age (IX^e–XV^e siècles)*. Baigorri: Izpegi.
- ORPUSTAN, Jean-Baptiste (2008) – Prénoms et surnoms en Soule et Basse-Navarre au début du XIV^e siècle (1305–1350): contribution à l'histoire de l'antroponomie médiévale basque. In *Actas de las Terceras Jornadas de Onomástica: Estella, septiembre de 1990. Onomastika Jardunaldien agiriak: Lizarra, 1990ko iraila*. Bilbao: Euskaltzaindia, pp. 439–497.
- PÉREZ VILATELA, Luciano (1991) – Plomo ibérico, en escritura jónica, procedente de Sagunto, II: aspectos epigráficos, lingüísticos y culturales. *Arse*. 26, pp. 17–58.

- PRÓSPER PÉREZ, Blanca María (2017) – Two divinities of the Celtic Cantabri: 1) Ervdino, divinity of the yearly cycle 2) Cabvniaegino, the Celtic fate of ie *kap- and the Gaulish spindle whorl from Saint-Révérien. In HAEUSSLER, Ralph; KING, Anthont, eds. – *Celtic religions in the Roman period: personal, local, and global*. Aberystwyth: Celtic Studies Publications, pp. 207–227.
- QUINTANILLA NIÑO, Alberto (1998) – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (2009) – La toponimia de las ciudades vasconas. In ANDREU PINTADO, Javier, ed. – *Los Vascones de las fuentes antiguas: en torno a una etnia de la antigüedad peninsular*. Barcelona: Universitat, pp. 127–143.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002) [2003] – Índice crítico de formantes de compuesto de tipo onomástico en la lengua íbera. *Cypselá*. 14, pp. 251–275.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2002–2003) [2004] – Revisión de algunas lecturas de las inscripciones íberas levantinas no monetales publicadas en los *Monumenta Linguarum Hispanicarum*. *Pyrenae*. 33–34, pp. 365–373.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2007) [2008] – Ética y epigrafía: respuesta a Marques de Faria y observaciones sobre los antropónimos paleohispánicos en inscripciones latinas. *Arse*. 41, pp. 75–114.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2010) – La inscripción CILA III, 1 n.º 216, la romanización onomástica y la pervivencia de elementos indígenas en la Cástulo romana. *Veleia*. 27, pp. 123–133.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2014) – Nuevo índice crítico de formantes de compuestos de tipo onomástico íberos. *ArqueoWeb*. 15, pp. 81–238 < <http://webs.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/15/RodriguezRamos.pdf> > [consulta: 03/04/20].
- RUBIO MARTÍNEZ, Juan Carlos (1997) – Una estela funeraria romana en San Andrés de Cameros, La Rioja: estudio preliminar. *Faventia*. 19:1, pp. 55–63.
- RUIZ DARASSE, Coline (2020) – Dans une écriture et dans une autre: quelques inscriptions du Midi gaulois. In RUIZ DARASSE, Coline, ed. – *Comment s'écrit l'autre? Sources épigraphiques et papyrologiques dans le monde méditerranéen antique*. Pessac: Ausonius, pp. 159–172.
- SABATÉ VIDAL, Víctor (2020) – La llengua ibèrica a la llergècia: una aproximació a l'onomàstica. In TORRES BENET, Miquel; GARCÉS ESTALLO, Ignasi; GONZÁLEZ PÉREZ, Joan-Ramon, eds. – *Projecte llergècia: territori i poblament ibèric a la plana ilergeta. Centenari de les excavacions del poblament ibèric del Tossal de les Tenalles de Sidamon (1915–2015). Actes de la XLV Jornada de Treball. Sidamon, 2017*. Sant Martí de Maldà/Riucorb: Grup de Recerques de les Terres de Ponent, pp. 487–508.
- SÁENZ DE BURUAGA BLÁZQUEZ, Andoni; SÁENZ DE URTURI RODRÍGUEZ, Francisca (1994) – La epigrafía romana de San Román de San Millán (Álava). *Veleia*. 11, pp. 49–82.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2008) – *Izen ttipiak euskaraz*. Bilbao: Euskaltzaindia/Real Academia de la Lengua Vasca.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2015) – *Araba / Álava. Los nombres de nuestros pueblos*. Bilbao: Euskaltzaindia/Real Academia de la Lengua Vasca; Vitoria-Gasteiz: Arabako Foru Aldundia / Diputación Foral de Álava.
- SCHMIDT, Karl Horst (1957) – Die Komposition in gallischen Personennamen. *Zeitschrift für Celtische Philologie*. Tübingen. 26, pp. 33–301.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909) – Iberische Personennamen. *Revue Internationale des Etudes Basques*. 3:3, pp. 237–247.
- SILES RUIZ, Jaime (1978) – Einheimische Eigennamen auf einem hellenistischen Mosaik aus La Alcudia de Elche (Spanien). *Beiträge zur Namenforschung*. Neue Folge. 13, pp. 331–340.
- SILGO GAUCHE, Luis (1988) – La antroponimia ibérica de Sagunto (1). *Arse*. 23, pp. 757–767.
- SILGO GAUCHE, Luis (1994) – *Léxico ibérico*. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana.
- SILGO GAUCHE, L. (2000) – [Recensão de] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. Valencia: Real Academia de Cultura Valenciana (Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas; 3), pp. 279–293.
- SILGO GAUCHE, Luis (2001) – Grafitos ibéricos de El Palomar (Oliete, Teruel). *Palaeohispanica*. 1, pp. 347–352.
- SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SILLIÈRES, Pierre (1990) – *Les voies de communication de l'Hispanie meridionale*. Paris: De Boccard.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2015) – *Tanniber*: un productor de metal de posible origen ibérico. *Pallas*. pp. 181–192.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2020) – *Nombres ibéricos en inscripciones latinas*. Pisa; Roma: Fabrizio Serra.
- SIMS-WILLIAMS, Patrick (2013) – The Celtic composition vowels -o- and -io-. In GARCÍA ALONSO, Juan Luis, ed. – *Continental Celtic word formation. The onomastic data*. Salamanca: Universidad, pp. 37–50.
- SOLIER, Yves (1979) – Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigean). *Revue Archéologique de Narbonnaise*. 12, pp. 55–123.

- TRASK, Robert Lawrence (1997) – *The History of Basque*. London; New York, NY: Routledge.
- UHLENBECK, Christian Cornelius (1932) – Udagara. *Revista Internacional de Estudios Vascos*. 23:1, pp. 1–3.
- UNTERMANN, Jürgen (1979) – Eigennamen auf iberischen Inschriften. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. – *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 41–67.
- UNTERMANN, Jürgen (1987) – Repertorio antroponímico ibérico. *Archivo de Prehistoria Levantina*. 17, pp. 289–317.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) – Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. – *El tercer bronce de Botorrita*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.
- UNTERMANN, Jürgen (1998) – La onomástica ibérica. *Iberia*. 1, pp. 73–85.
- UNTERMANN, Jürgen (2002) [2003] – Dos nuevos textos ibéricos del sur de Francia. *Palaeohispanica*. 2, pp. 355–361.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1993) – Notas de epigrafía romana de Navarra. *Príncipe de Viana*. 198, pp. 75–82.
- VELAZA FRÍAS, Javier (1995) – Epigrafía y dominios lingüísticos en territorio de los Vascones. In BELTRÁN LLORIS, Francisco, ed. – *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente: Actas del Coloquio Roma y las primeras culturas epigráficas del Occidente mediterráneo (siglos II a.E. – I d.E.) (Zaragoza, 4 a 6 de noviembre de 1992)*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”, pp. 209–218.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2015) – El origen lingüístico de la antroponimia vasca. *Arse*. 48–49, pp. 103–150.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2019) – Objectes que parlen: baikar, kaštaun i seltar. *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 29, pp. 91–120.
- VILÀ I BOTA, María del Vilar (1996) – Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. 27, pp. 295–299.
- VILLAR LIÉBANA, Francisco (2002) – Indoeuropeos y no indoeuropeos en Cataluña y el Noreste hispano. In *Els substrats de la llengua catalana: una visió actual*. Barcelona: Societat Catalana de Llengua i Literatura, pp. 53–74.
- YARZA URKIOLA, Valeriano (2015) – Notas sobre toponimia de origen romano en Bizkaia. *Fontes Linguae Vasconum*. 120, pp. 345–384.